
10 ANOS DA REVISTA CONTRAPONTO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA UMA PUBLICAÇÃO DISCENTE ENGAJADA

10 YEARS OF REVISTA CONTRAPONTO: CHALLENGES AND PERSPECTIVES
FOR AN ENGAGED STUDENT PUBLICATION

10 AÑOS DE LA REVISTA CONTRAPONTO: DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS
PARA UNA PUBLICACIÓN ESTUDIANTIL COMPROMETIDA

Editora-Chefe
Ana Paula Ranzi

Editores-Executivos
Karolayne da Cunha Gonsalves
Lásaro José Thiesen
Pamela Kenne
Stefany Ferraz Sousa
Victória Mello Fernandes

<https://doi.org/10.5935/2358-3541.2025145975-pt>

Resumo

A Revista Contraponto, em sua trajetória de 10 anos, consolida-se como um espaço acadêmico discente dedicado à difusão do pensamento crítico e à análise de fenômenos sociais complexos. Este editorial reflete sobre os desafios estruturais enfrentados por periódicos geridos por discentes, como rotatividade de equipes, dependência de trabalho voluntário e subfinanciamento crônico, contextualizando-os no cenário de cortes orçamentários e ataques à ciência no Brasil. Destaca-se a composição majoritariamente feminina do corpo editorial, revelando avanços e contradições nas dinâmicas de gênero na academia. A edição comemorativa reúne pesquisas que abordam temas como conflitos territoriais, violência estrutural, precarização do trabalho cultural e interseccionalidade, articulando debates urgentes nas Ciências Sociais. O debate demonstra como a revista, mesmo em contextos adversos, promove a democratização do conhecimento por meio de parcerias interinstitucionais e de um plano de comunicação científica. Conclui-se que iniciativas como a Contraponto são vitais para fortalecer redes de resistência acadêmicas, valorizar vozes marginalizadas e desafiar hierarquias tradicionais, reforçando o papel da produção coletiva na transformação social.

Palavras-Chave: Periódicos Científicos. Revista Discente. Sociologia.

Abstract

Revista Contraponto, in its 10-year trajectory, has established itself as a student academic space dedicated to disseminating critical thought and analyzing complex social phenomena. This editorial reflects on the structural challenges faced by student-run journals, such as team turnover, reliance on volunteer work, and chronic underfunding, contextualizing them within the scenario of budget cuts and attacks on science in Brazil. The predominantly female composition of the editorial board is highlighted, revealing advances and contradictions in gender dynamics within academia. The commemorative edition brings together research addressing topics such as territorial conflicts, structural violence, precariousness of cultural work, and intersectionality, articulating urgent debates in the Social Sciences. The discussion demonstrates how the journal, even in adverse contexts, promotes the democratization of knowledge through interinstitutional partnerships and a scientific communication plan. It concludes that initiatives like Contraponto are vital for strengthening networks of intellectual resistance, valuing marginalized voices, and challenging traditional academic hierarchies, reinforcing the role of collective production in social transformation.

Keywords: Scientific Journals. Student Journal. Sociology.

Resumen

La Revista Contraponto, en su trayectoria de 10 años, se consolida como un espacio académico estudiantil dedicado a la difusión del pensamiento crítico y al análisis de fenómenos sociales complejos. Este editorial reflexiona sobre los desafíos estructurales enfrentados por revistas gestionadas por estudiantes, como la rotación de equipos, la dependencia del trabajo voluntario y la subfinanciación crónica, contextualizándolos en el escenario de recortes presupuestarios y ataques a la ciencia en Brasil. Se destaca la composición mayoritariamente femenina del cuerpo editorial, revelando avances y contradicciones en las dinámicas de género en la academia. La edición conmemorativa reúne investigaciones que abordan temas como conflictos territoriales, violencia estructural, precarización del trabajo cultural e interseccionalidad, articulando debates urgentes en las Ciencias Sociales. El debate demuestra cómo la revista, incluso en contextos adversos, promueve la democratización del conocimiento mediante asociaciones interinstitucionales y un plan de comunicación científica. Se concluye que iniciativas como Contraponto son vitales para fortalecer redes de resistencia intelectual, valorar voces marginadas y desafiar jerarquías académicas tradicionales, reforzando el papel de la producción colectiva en la transformación social.

Palabras Clave: Revistas Científicas. Revista Estudiantil. Sociología.

INTRODUÇÃO

Em 2024, a Revista Contraponto celebra 10 anos de existência, consolidando-se como um espaço para a divulgação do pensamento crítico e das pesquisas em Ciências Sociais. Fundada e mantida por discentes, sua trajetória

reflete tanto conquistas importantes quanto desafios estruturais inerentes ao cenário acadêmico contemporâneo. Manter um periódico científico de qualidade por dez anos exige engajamento coletivo e superação constante de obstáculos financeiros, institucionais e éticos.

Neste editorial, comemoramos não apenas uma década, mas também a diversidade temática e metodológica que define a revista. Em um contexto de instabilidade política e subfinanciamento crônico da pós-graduação, a Contraponto reafirma seu compromisso com a democratização do conhecimento e a valorização de vozes marginalizadas. Buscamos não apenas sobreviver, mas inspirar reflexões que transcendam os muros da academia. Mesmo em tempos de incerteza, a produção coletiva e crítica permanece essencial para desvendar e transformar nossa sociedade.

O texto está dividido em 3 seções. Na primeira, apresentamos com mais profundidade os desafios e possibilidades que encontramos ao administrar um periódico discente. Na segunda, discutimos a importância da comunicação científica como forma de combater a desinformação e fortalecer uma sociedade capaz de exigir direitos, avaliar políticas públicas e resistir a retrocessos democráticos. Por fim, apresentamos os trabalhos publicados neste volume, pincelando suas principais temáticas e contribuições como um convite para a leitura mais detalhada dos textos.

10 ANOS DE CONTRAPONTO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Em 2024, a Revista Contraponto celebrou uma década de existência. Criada para ser um espaço de divulgação do pensamento crítico e das pesquisas em ciências sociais, nossa trajetória é marcada por desafios e conquistas. Manter uma revista operando com qualidade por tanto tempo não é uma tarefa simples, e os desafios financeiros e institucionais são importantes. Conforme apontam Campos e Candido (2022), a editoração acadêmica enfrenta uma constante tensão entre demandas por celeridade, transparência e ciência aberta, e o avanço de ataques negacionistas e cortes financeiros que ameaçam a integridade da pesquisa.

Enquanto a abertura científica busca democratizar o conhecimento, restrições estruturais e ideológicas desafiam sua viabilidade e impacto social.

Esses desafios se intensificam no contexto de uma revista discente. O primeiro obstáculo é a falta de inserção institucional em redes editoriais consolidadas, o que limita o acesso a tecnologias e recursos capazes de otimizar fluxos de trabalho e capacitar equipes. Navegar o mar de possibilidades editoriais exige orientação estruturada, algo raro para periódicos geridos por discentes, que dependem majoritariamente de iniciativas voluntárias. Os pós-graduandos que se engajam nesses projetos trazem uma vontade genuína de aprender e contribuir, mesmo diante das exigências acadêmicas e da natureza não remunerada do trabalho. Cada colaboração reflete um esforço coletivo, em que oferecemos o melhor, dentro do limite das nossas possibilidades.

Nesse contexto chegamos em um segundo desafio. Revistas discentes enfrentam uma alta rotatividade de equipes editoriais, intensificada pelo caráter voluntário do trabalho e pela pressão das demandas acadêmicas, que se tornam prioritárias à medida que os discentes avançam em sua formação. Esse ciclo exige um esforço contínuo de capacitação de novos editores, e pode explicar as recorrentes discontinuidades observadas em periódicos geridos por discentes. As práticas editoriais acumuladas ao longo dos anos podem se perder se não houver mecanismos sistematizados para transmiti-las aos que chegam, comprometendo a continuidade das atividades. Não se trata de falta engajamento, mas da ausência estrutural de recursos para manter os processos funcionando.

Um desafio semelhante impacta o trabalho de nossos pareceristas. Assim como a equipe editorial, os pareceristas atuam em caráter voluntário, muitas vezes sem acesso a treinamento específico ou reconhecimento institucional, em meio a diversas outras atividades acadêmicas e profissionais, mas precisam garantir uma avaliação cega e criteriosa dentro de prazos razoáveis. Assim, enfrentamos problemas como atrasos relacionados aos prazos estabelecidos, dificuldade em encontrar avaliadores especializados em determinadas áreas e a ausência de incentivos tangíveis que motivem pesquisadores a integrar o processo avaliativo. Esse desafio, aliás, não é só das revistas discentes, mas de toda a comunidade editorial. Como apontam Sasseron et al. (2024), a avaliação por pares, apesar de

central no processo editorial, é subvalorizada. A remuneração desse trabalho pode parecer uma solução tangível e simples, mas pode também gerar precarização e automação da atividade, comprometendo a qualidade crítica em prol da produtividade em massa. Uma alternativa em debate é a possibilidade de transformar pareceres em artigos publicáveis, convertendo o esforço analítico em produção acadêmica reconhecida. Mas não há solução fácil para esse gargalo, e uma discussão mais intensa e aberta sobre como superá-lo já é pautada em diversos encontros editoriais.

Por outro lado, fazer parte de uma revista discente também é um campo de experimentação e possibilidades. Iniciar uma pós-graduação traz consigo uma demanda urgente: a necessidade de publicar pesquisas científicas em periódicos especializados. Essa exigência é parte estruturante da nossa formação, bem como uma forma de contribuir com o conhecimento científico e consolidar-nos como pesquisadores. No entanto, esse processo não é intuitivo. Há padrões metodológicos rígidos e a expectativa de uma "expertise instantânea", que se soma a um ambiente que prioriza métricas de produtividade em detrimento de processos formativos e acolhedores. Por isso, fazer parte de uma equipe editorial em um periódico discente é uma experiência tão rica. Aqui, os discentes adquirem experiência em processos como revisão por pares, edição de textos, gestão de plataformas e ética em publicação; aprimoram competências relacionadas à escrita acadêmica; testam diferentes formatos editoriais e promovem colaborações entre discentes de diferentes instituições e áreas.

E nesse caminho temos a sorte de contar com o sólido apoio do nosso Programa de Pós-Graduação, que, mesmo enfrentando suas próprias limitações e desafios, confere à revista uma dimensão institucional crucial. Ao inserir a revista em seu planejamento financeiro estratégico, o Programa viabiliza não apenas a continuidade operacional, mas também a concretização das nossas ideias editoriais. Ainda que não resolva todos os desafios, esse apoio cria uma base mínima de sustentação, transformando a revista em um projeto coletivo que reflete e fortalece os valores do Programa.

Por fim, nossa revista discente é sustentada pelo engajamento dedicado e voluntário de sucessivas gerações de editores e pareceristas. Dentro disso, é

importante ressaltar que, especialmente nos últimos anos, a revista é composta majoritariamente por editoras mulheres. Em geral, conforme apontam Mendes e Figueira (2019), apesar de haver uma crescente participação das mulheres nos últimos anos, há uma importante sub-representação quando se considera posições estratégicas relacionadas ao ensino e pesquisa. Candido e Campos (2021) apontam que as expectativas sobre homens e mulheres afetam suas oportunidades e experiências na academia. As mulheres enfrentam desafios adicionais, como a sobrecarga de trabalho doméstico e familiar, que impacta seu tempo e capacidade de avançar em suas carreiras acadêmicas. Portanto, ter um corpo editorial composto majoritariamente por mulheres é um motivo de orgulho para a revista. Mas não podemos deixar de apontar que esse é um trabalho voluntário. Ou seja, está nas mãos de discentes mulheres voluntariamente se dedicarem a manter a revista funcionando. Se fosse uma posição remunerada, ainda veríamos o mesmo corpo editorial?

Conforme analisam Gonsalves et al. (2023), no ambiente universitário, as desigualdades de gênero se manifestam na sub-representação feminina em certas áreas de estudo, na precarização de docentes mães e na normalização do assédio como "preço" para ascensão profissional. A interseccionalidade agrava o cenário: mulheres negras, indígenas e trans enfrentam exclusão ainda mais brutal, refletindo o caráter elitista e conservador da academia. Nesse contexto, a Contraponto tem o importante desafio de implementar uma política de ações afirmativas em seus processos seletivos, para que tenhamos um corpo editorial mais diverso. Em alinhamento com a decisão recente do Conselho Universitário da UFRGS de adotar essa política para todos os cursos de pós-graduação da universidade, mais uma vez nos debruçamos sobre este debate e consideramos ser de suma importância a adesão de periódicos científicos. Políticas como essa são um passo fundamental para o enfrentamento à desigualdade e ao epistemicídio ainda muito presentes na academia.

Dentro dessa constante tensão entre desafios e vontade de fazer a revista acontecer, chegamos ao nosso 11º volume, que celebra uma década da Contraponto. Essa edição reflete o nosso compromisso com a publicação de

pesquisas que abordam temáticas contemporâneas e críticas, refletindo sobre debates acadêmicos e práticas sociais que permeiam conflitos, existências, resistências e transformações em diferentes contextos. Seguirmos 10 anos vivos, enfrentando as mais diversas limitações, significa que o engajamento dos discentes na construção coletiva e democrática do conhecimento é maior do que os desafios.

FORTALECENDO A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Cabe lembrar que, além dos dilemas internos, ao longo desses anos, a revista se manteve ativa apesar dos diversos momentos de instabilidade política e econômica que assolaram a pós-graduação brasileira e do esparso investimento em revistas científicas organizadas por discentes. Essa persistência reforça o seu papel essencial na difusão do pensamento crítico e na valorização da produção acadêmica em diferentes níveis de formação. Em um cenário de incertezas, a ciência e o conhecimento embasado tornam-se ainda mais essenciais para combater a desinformação, desmontar narrativas enganosas e fortalecer uma sociedade capaz de exigir direitos, avaliar políticas públicas e resistir a retrocessos democráticos.

Com isso em mente, optamos por dedicar maior atenção ao pilar de comunicação científica da revista. Em 2024, elaboramos nosso *Plano de Comunicação Científica*, uma iniciativa estratégica voltada para fortalecer a nossa presença digital e ampliar o alcance do conteúdo acadêmico produzido. O plano busca promover a disseminação do conhecimento científico de forma acessível e engajante, conectando a revista ao público acadêmico e à comunidade. Visa também consolidar a revista como um espaço de referência para debates críticos nas Ciências Sociais. Em um contexto de crescente valorização da divulgação científica, é essencial que periódicos acadêmicos adotem estratégias que ultrapassem as fronteiras das plataformas tradicionais. O uso de redes sociais e outros meios digitais pode oferecer uma oportunidade para ampliar o impacto das publicações, o acesso ao conhecimento e engajar diferentes públicos. Esse plano também contribui para valorizar a produção acadêmica de discentes, ao oferecer maior visibilidade aos artigos publicados por nossos pares.

Uma das iniciativas propostas pelo plano foi organizar um especial sobre o Novembro Negro: divulgação de uma série de artigos publicados pela Contraponto ao longo dos anos que buscaram amplificar vozes, narrativas e reflexões sobre temas urgentes como raça, racismo, feminismo negro, territórios quilombolas e interseccionalidade. Isso foi especialmente relevante em 2024 pois o Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, tornou-se feriado nacional, uma conquista histórica e um marco na luta antirracista. Neste contexto, o território emergiu como um eixo central nas discussões propostas pelo especial, tido como um lugar de memória, ancestralidade e resistência. Artigos como **Políticas Públicas em Territórios Quilombolas: a comunidade da Aroeira no RN (2022)** e **A natureza tá gritando e quem está gritando somos nós: desenvolvimento e racismo no território quilombola Santa Rosa dos Pretos (Itapecuru-Mirim/MA) (2022)** exploraram como as comunidades tradicionais enfrentam o racismo estrutural e lutam pela preservação de seus modos de vida, diante de modelos de desenvolvimento que frequentemente as excluem.

A interseccionalidade também ganhou destaque, com análises que revelam como raça, gênero e classe se entrelaçam para criar experiências únicas de opressão e resistência. Em **A posição desvantajosa das mulheres negras na divisão sexual do trabalho e nos cuidados domésticos no âmbito familiar (2021)**, é discutida a sobrecarga de cuidados não remunerados que recai sobre as mulheres negras, perpetuando ciclos de vulnerabilidade. Já o texto **Da Casa-Grande para a Senzala: o surgimento do coronavírus e o agravamento das vulnerabilidades das empregadas domésticas no Brasil (2022)** expôs como a pandemia intensificou as desigualdades históricas enfrentadas por essas trabalhadoras, evidenciando a urgência de transformações estruturais.

O Movimento Feminista Negro foi outro tema central, com reflexões sobre suas estratégias de luta e ressignificação identitária em períodos de crise. O artigo **Movimento de mulheres negras no Brasil: desafios da ressignificação de uma identidade feminina negra em períodos de pandemia (2020)** analisou como o movimento se reinventou para enfrentar os desafios impostos pelo racismo estrutural e pela crise sanitária, reforçando a importância da organização coletiva e da solidariedade.

A relevância desse especial reside em sua capacidade de promover diálogos críticos e visibilizar narrativas que muitas vezes são marginalizadas. Além disso, a Revista Contraponto busca contribuir, a partir desses diálogos, para a construção de uma memória coletiva que honra a ancestralidade e a luta do povo negro, ao mesmo tempo em que aponta caminhos para a transformação social. Nossa expectativa é que iniciativas de comunicação científica como essa inspirem reflexões críticas e reforcem o compromisso com a construção de um futuro mais justo e igualitário.

Contudo, o velho tensionamento entre desafios estruturais e engajamento ressurgiu e impõe desafios à plena execução do plano de comunicação. Uma das formas de contornar esse desafio foi abrir espaço para a inclusão de associados externos à Contraponto. Tradicionalmente, a revista foi composta exclusivamente por discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS (PPGS/UFRGS). Agora, buscamos fomentar redes interinstitucionais com outros centros de Ciências Sociais, permitindo que colegas de programas afins de diferentes instituições se candidatem a integrar a equipe. A atuação desses associados externos concentra-se na Editoria de Comunicação Científica, onde podem contribuir ativamente para a elaboração e execução de estratégias de difusão do conteúdo publicado, ampliando o alcance da Contraponto na comunidade acadêmica e fortalecendo sua relevância como veículo de produção crítica. Essa inovação visa não apenas superar desafios operacionais, mas também consolidar parcerias que enriqueçam a revista com perspectivas diversas, alinhadas à missão de promover diálogos transdisciplinares e democratizar o acesso ao conhecimento científico.

AGORA, À EDIÇÃO.

Os artigos desta edição exploram as intersecções entre educação, urbanização e os desafios da formação sociológica, analisando como os processos de ensino podem contribuir para o estranhamento e criticidade do mundo social. Também são discutidas questões ambientais e institucionais que atravessam a gestão de territórios, revelando os limites de soluções propostas diante da complexidade das ameaças socioambientais. As disputas por espaços, marcadas

por processos de colonização e exclusão de populações tradicionais, evidenciam os impactos da reconfiguração territorial e as dinâmicas de resistência frente às práticas desenvolvimentistas. Em um contexto de globalização e expansão de interesses econômicos, observa-se a politização de questões climáticas e ambientais, resultando na incorporação desses debates a lógicas de mercado que frequentemente minimizam seu caráter contestatório.

As reflexões perpassam os impactos das transformações do trabalho, especialmente no setor cultural, e a forma como seus agentes desenvolvem táticas de sobrevivência em cenários de precarização. O campo teórico é revisitado para analisar as relações entre diferentes formas de violência e compreender as interseções entre estrutura, cultura e ação direta. Assim, esta edição da Revista Contraponto reafirma seu compromisso com o debate sociológico, destacando questões fundamentais que atravessam diferentes áreas das Ciências Sociais e estimulam novas reflexões críticas e investigações acadêmicas. Assim, apresentamos os trabalhos em dois blocos. Primeiramente, a seção principal, com artigos e ensaios de temática livre publicados em fluxo contínuo. Em segundo lugar, os trabalhos destaques do XI Seminário Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS.

A **seção temática livre em fluxo contínuo** agrega artigos que compartilham um interesse comum em analisar processos sociais, políticos e espaciais a partir de diferentes perspectivas teóricas e empíricas. O fio condutor que os une é a atenção às dinâmicas de resistência, transformação e reconfiguração, seja nos conflitos territoriais da comunidade do Cajueiro, na politização das mudanças climáticas, nas formas estruturais e culturais da violência, nas estratégias de sobrevivência dos trabalhadores da cultura, nas mudanças socioespaciais do Sudoeste do Paraná ou na tradição ensaística como forma de pensamento crítico. Em conjunto, esses trabalhos evidenciam como diferentes agentes sociais negociam, contestam e ressignificam suas condições dentro de estruturas desiguais, contribuindo para uma compreensão ampliada das relações de poder, das territorialidades e das práticas sociais contemporâneas.

Em **Por uma Análise Sociológica da Configuração Socioespacial do Sudoeste do Paraná**, Gabriel Pancera Aver utiliza-se de postulados teóricos do século XX sobre o urbano para analisar relações sociais que se estabeleceram como padrões na região. Abordando as transformações na organização socioespacial pelo aumento exponencial do contingente populacional entre 1940 e 1980 - o que levou a reconfiguração do território e das relações sociais. Aver revela que o Sudoeste do Paraná está marcado pelo “eclipsar da existência dos modos característicos do espaço rural” (p. 21) por causa das características dominantes do modo de vida urbano que ultrapassam limites da cidade. Para essa análise, o autor discorre sobre o processo histórico de colonização tanto do território quanto das formas de vida na região, o que resultou na expulsão de populações caboclas e indígenas para dar lugar a uma etnicidade dos colonos de descendência alemã e italiana, o que possuía papel importante na construção de significados particulares da figura do colono, e também, do espaço regional. Uma colonização não inocente, orientada para forjar a imagem do empreendimento colonizador por meio da diferenciação daqueles migrantes que estavam acostumados ao clima e terras do Sul. Dessa maneira, este estudo nos ajuda a compreender as reconfigurações do espaço rural no Sudoeste do Paraná, não como uma simples ruptura dos modos de vida tradicionais, mas como um processo de apropriação e ressignificação de características urbanas, evidenciando a heterogeneidade das relações socioespaciais na região.

O seguinte trabalho que compõem esse bloco, intitulado “**Somos Raízes, Seguiremos na Luta**”: **comunidade tradicional do Cajueiro contra a tentativa de instalação de um porto privado em São Luis/Maranhão**, versa sobre os conflitos territoriais entre a comunidade tradicional do Cajueiro em contestação a tentativa de instalação de um porto privado em São Luís no Maranhão. Com isso, o autor, Luis Eduardo da Silva Costa, revela dinâmicas excludentes de um desenvolvimento marcado por violações em territórios tradicionais, os quais lutam para garantir seus modos de existência, costumes e valores que são atravessados e contestados quando Grandes Empreendimentos como um Complexo Portuário ligado a interesses internacionais e Estatais que persistem em extrair riquezas desses territórios como prática desenvolvimentista de articulação entre o local e o global.

Deste modo, o artigo expõe regimes históricos de violência estatal, onde comunidades marginalizadas são invisibilizadas e deslocadas em favor de empreendimentos portuários que transformam territórios em commodities, enquanto seus habitantes precisam constantemente justificar sua existência e modo de vida frente às lógicas capitalistas dominantes.

O artigo **The Process of Politicizing Climate Change and Promoting Sustainable Development during the rise of Neoliberalism** apresenta a trajetória de formulação do termo “desenvolvimento sustentável” que, como argumentado pelo autor, Rafael Carletti, passou por um processo de politização juntamente com a concepção de “mudanças climáticas”. Para isso, Carletti resgata como a questão do desenvolvimento - modelo colonialista de progresso e crescimento econômico - foi exportada pelos países “desenvolvidos” para ser implantada nos países ainda em desenvolvimento. Assim, esse processo desenvolvimentista foi confrontado pelo movimento ambientalista ao revelar os efeitos danosos de uma modelo que não se sustenta quando tratado de garantia de um futuro comum - isso porque “qualquer interferência que limitasse a disponibilidade desses recursos era entendida pelos cientistas naturais como impedimento ao seu crescimento e desenvolvimento” (Carletti, 2024, p. 6, nota 3). Dessa forma, o autor justifica que as grandes companhias de petróleo, principais forças econômicas e políticas desse período, estrategicamente absorveram e resignificaram as críticas do movimento ambientalista. Esse processo resultou na incorporação da questão ambiental à lógica de mercado, levando à construção do conceito de “desenvolvimento sustentável” dentro dos preceitos neoliberais. Nesse sentido, o autor sugere que a politização ajudou a consolidar o mercado como principal força reguladora das questões ambientais (como as mudanças climáticas), que acabou minimizando o caráter contestatório do ambientalismo.

No artigo **Revisitando a Teoria da Violência de Johan Galtung: a relação entre violência estrutural, cultural e direta**, de Marco Antonio Paulino Azzolini, foi apresentada a perspectiva teórica sobre o fenômeno da violência de Johan Galtung. O artigo destrincha as relações entre os conceitos de violência cultural, violência estrutural e violência direta a partir de levantamentos bibliográficos sobre a abordagem. Johan Galtung é responsável pela reformulação do conceito de paz

positiva, construindo a ideia de violência estrutural por meio da incorporação de atributos vinculados às desigualdades na distribuição de recursos econômicos e sociais. A violência cultural é articulada pelo sociólogo como um fator obscurecedor da realidade, na qual a violência estrutural é legitimada a partir de mecanismos ideológicos e simbólicos. Por fim, apresenta a argumentação de que os primeiros modos de violência são causas centrais para a violência direta. De acordo com o autor do artigo, o entrelaçamento entre as três formas de violência tornam essa perspectiva pertinente para abordar analiticamente fenômenos contemporâneos, como guerras em países do Sul Global ou operações policiais em comunidades periféricas, possibilitando o avanço na articulação de intervenções sociais integradoras.

O artigo **Trabalhadores da Cultura e Táticas de Sobrevivência**, de Nayra Joseane e Silva Souza, analisa as táticas de sobrevivência de trabalhadores da cultura das cidades de Teresina (PI) e Timon (MA). A partir de uma abordagem etnográfica, a autora aborda as táticas de sobrevivência dos produtores culturais no contexto da “nova morfologia do trabalho” oriunda das reestruturações neoliberais nas relações sociais de produção. O trabalho traz uma argumentação interessante sobre como a produção cultural torna-se uma tática de sobrevivência para produtores e produtoras musicais em um cenário de alta flexibilização trabalhista no setor. A análise das narrativas expõe como a lógica da precarização demanda que os trabalhadores culturais se adaptem à falta de infraestrutura no cenário de produção cultural. A adaptação ocorre com a assimilação de vários papéis no mercado de trabalho para mobilizar os recursos necessários para viabilizar as atividades de produção musical.

A atividade de produção cultural é ilustrada a partir da multiplicidade de tarefas que o trabalhador da música precisa exercer diante do acesso limitado aos recursos de infraestrutura e impossibilidade de constituir equipes de trabalho. Desse modo, a reflexão sobre como o trabalho de autorrealização convive com o trabalho precário auxilia a compreensão das mudanças morfológicas no mundo do trabalho cultural a partir das flexibilizações trabalhistas globais dos últimos anos.

Em **O Ensaio como Imagem de Pensamento - Pensando com um Lápis na Mão**, de Wanderson Barbosa dos Santos, é apresentado o pensamento do

sociólogo alemão Siegfried Kracauer (1889-1966) e a aproximação de sua ideia acerca da forma ensaio com a teoria do conhecimento de Georg Simmel e Walter Benjamin. O ensaio produz uma reflexão sobre o ensaísmo e o próprio ato de “pensar com um lápis na mão” mediante a provisoriedade do pensamento diante da fragmentação da vida cotidiana na modernidade e as suas repercussões no próprio pensamento sociológico. O texto traz uma contribuição importante para o exercício sociológico ao delinear a provisoriedade da crítica que passa a existir na escrita de um ensaio. Sobretudo, descreve-se harmoniosamente formas que mostram o ensaio como o porvir do pensamento, como o que pode acontecer no processo da escrita. Trata-se de uma demonstração da proximidade entre a ciência e a arte, da imaginação e da invenção científica.

O volume 11 ainda reúne quatro **artigos selecionados como destaques do XI Seminário Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Essa parceria, estabelecida desde 2017, busca reconhecer e valorizar as pesquisas desenvolvidas pelos discentes. Reiteramos nosso agradecimento aos organizadores do Seminário Discente do PPGS/UFRGS pela colaboração e parabenizamos os autores pelos trabalhos selecionados, que refletem a qualidade e a relevância das pesquisas apresentadas no evento.

O primeiro artigo, intitulado **Alfabetismo Sociológico sobre Gentrificação no Município de Canoas/RS**, é de autoria do graduando em Ciências Sociais (UFRGS), Gabriel Cortezi Schefer Cardoso, e do mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFRGS), Rafael D’Avila Barros. O trabalho apresenta os resultados de uma atividade realizada durante o estágio docente dos autores, em uma escola da rede estadual em Canoas/RS. A partir do contexto do currículo da Sociologia no Novo Ensino Médio, os autores discutem o percurso metodológico na sala de aula e os temas abordados, que possibilitaram a construção do "alfabetismo sociológico" e o processo de estranhamento do mundo social pelos alunos.

O segundo artigo, **As Múltiplas Dimensões de Risco na Amazônia: Análise de Documentos da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA)**,

é de autoria de João Miguel Diógenes de Araújo Lima, doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília. Por meio de um estudo documental detalhado, o autor analisa as ameaças enfrentadas pela Amazônia e a abordagem da OTCA sobre tais riscos. A pesquisa destaca como a OTCA propõe soluções ao desmatamento e às crises socioeconômicas da região, mas também apresenta as limitações da organização em enfrentar a complexidade do cenário. O autor defende a necessidade de uma perspectiva multidimensional que considere as particularidades das populações indígenas, o risco cultural e étnico da saúde, além de integrar o debate científico.

O terceiro artigo é de autoria de Nathalia Aline Lemos da Rosa, discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS. Intitulado **Mulheres Autistas e Diagnóstico Tardio: Um Estudo sobre Juventudes de Mulheres Autistas e Ocorrências de Subdiagnósticos**, o artigo aborda uma temática inovadora na sociologia, a partir de pesquisa bibliográfica e revisão de literatura. A autora discute as dificuldades das mulheres, especialmente aquelas autistas de nível de suporte 1, em obter seu diagnóstico. O trabalho busca identificar como a categoria gênero influencia a experiência da juventude dessas mulheres e o impacto do diagnóstico tardio em suas vidas.

Por fim, o quarto artigo em destaque, **Gênero e Justiça: Uma Análise Bibliográfica de Textos sobre Violência de Gênero**, é de autoria de Alana Severo Sperafico, graduanda em Ciências Sociais (UFRGS), e Rochele Fellini Fachinetto, doutora em Sociologia (UFRGS) e professora na mesma instituição. A análise bibliográfica sobre gênero e sistema de justiça tem como base o clássico “Morte em Família” (1983), de Mariza Corrêa, um livro de referência na área de estudos. As autoras discutem a representação de gênero no sistema de justiça, afirmando que persiste uma visão de gênero marcada pelo determinismo biológico, o que resulta na reprodução de estereótipos sobre feminilidades e masculinidades no sistema judicial.

Concluindo, procuramos apresentar um diálogo sobre os trabalhos que compõem a presente edição da Revista Contraponto, destacando sua relevância no campo das Ciências Sociais, a fim de instigar os leitores a procurarem os textos

completos. Os artigos publicados nos indicam que há uma diversidade na produção sociológica e profundidade das investigações contemporâneas, abordando questões que vão desde os desafios da educação e da formação sociológica até as dinâmicas territoriais e ambientais, os impactos das transformações no mundo do trabalho e as complexas articulações entre violência, cultura e estrutura social. Ao reunir pesquisas que transitam entre diferentes abordagens e perspectivas teóricas, esta edição reafirma o compromisso da revista com a produção de conhecimento crítico e plural, contribuindo para o avanço dos debates acadêmicos/sociais.

CONSIDERAÇÕES

Ao longo de seus 10 anos, a revista tem se consolidado como um espaço de produção coletiva e plural de conhecimento acadêmico, demonstrando a importância desse esforço conjunto, mesmo diante dos desafios impostos pelos escassos investimentos que afetam historicamente a pós-graduação no Brasil. Da mesma forma, os artigos publicados demonstram a relevância da pesquisa sociológica para a compreensão dos fenômenos sociais, articulando teoria e empiria em análises que atravessam temas como desigualdades, violências, dinâmicas territoriais, meio ambiente, processos históricos, epistemologias críticas e estratégias de enfrentamento às formas precarização da vida.

Esperamos que os artigos aqui apresentados contribuam para o fortalecimento de debates e inspirem novas investigações, reafirmando a importância da Sociologia na interpretação e transformação do mundo social. Agradecemos aos autores, pareceristas e demais envolvidos na construção desta edição, bem como ao corpo editorial da Revista Contraponto, cujo trabalho contínuo possibilita a existência deste espaço de divulgação e intercâmbio de conhecimento.

Que este volume 11 seja não apenas uma celebração da nossa década, mas também um convite para refletirmos sobre os caminhos que queremos construir para os próximos anos.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, L.A.; CANDIDO, M. R. Transparência em DADOS: submissões, pareceristas e diversidade no fluxo editorial dos últimos anos. **DADOS - REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, v. 65, p. e20220000, 2022.

CANDIDO, M. R.; CAMPOS, L. A.; FERES, J. The Gendered Division of Labor in Brazilian Political Science Journals. *Brazilian Political Science Review*, v. 15, p. e0002, 2021.

DOMINGOS, S. C. A Posição Desvantajosa das Mulheres Negras na Divisão Sexual do Trabalho e nos Cuidados Domésticos no Âmbito Familiar. **Revista Contraponto**, v. 8, n. 3, 2022.

GONSALVES, K. D. C.; RANZI, A. P.; SILVA, K. R. da. Violência de gênero e relações de poder na universidade. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, 2023.

MENDES, M. V. I.; FIGUEIRA, A. C. R. Women's Scientific Participation in Political Science and International Relations in Brazil. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, p. e54033, 2019.

OLIVEIRA, D. F. de; NEVES LOPES, A. P. "Da Casa-Grande para a Senzala": o surgimento do coronavírus e o agravamento das vulnerabilidades das empregadas domésticas no Brasil. **Revista Contraponto**, v. 9, n. 1, 2022.

RODRIGUES, L. F. S. Movimento de mulheres negras no Brasil: desafios da resignificação de uma identidade feminina negra em períodos de pandemia. **Revista Contraponto**, v. 7, n. 1, 2020.

SANTOS, D. da S. "A natureza tá gritando e quem está gritando somos nós": desenvolvimento e racismo no território quilombola Santa Rosa dos Pretos (Itapecuru-Mirim/MA). **Revista Contraponto**, v. 7, n. 1, 2020.

SASSERON, L. H. *et al.* Produção e comunicação de conhecimento: dos condicionantes aos caminhos. **Educação e Pesquisa**, v. 50, p. e20245001001, 2024.

SOUZA, L. R. B. de; COSTA, J. B A. da. As Políticas Públicas e as Privações Sociais em Territórios Quilombolas: a comunidade da Aroeira no Rio Grande do Norte. **Revista Contraponto**, v. 9, n. 1, 2022.